



NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFS.: 3713/3727/3728

BISSAU

JORNADA DE LUTA

«Nós não choramos os mortos pela independência dos nossos países, não choramos os que caíram pela liberdade das nossas terras», disse recentemente em Addis Abeba, à África e ao mundo, o camarada Presidente Luiz Cabral.

20 de Janeiro. Recordamos com o maior respeito todos os heróicos combatentes caídos pelos nobres e sublimes ideais da liberdade e do progresso, morrendo para que vivesse sempre livre o nosso Povo. Rendemos homenagem, com grande emoção, aos heróis e mártires da nossa luta, tombados nos campos de batalha, nos seus postos, que regaram com sangue jovem o solo pátrio, fazendo fecundar a árvore da independência nacional. Sentimos, neste momento, toda a grandeza da obra do fundador da Nacionalidade e do P.A.I.G.C. e seu militante número um, Amílcar Cabral, verdadeiro artesão de todas as vitórias alcançadas pelo nosso Povo, na luta pelo progresso, pela felicidade e pelo bem-estar.

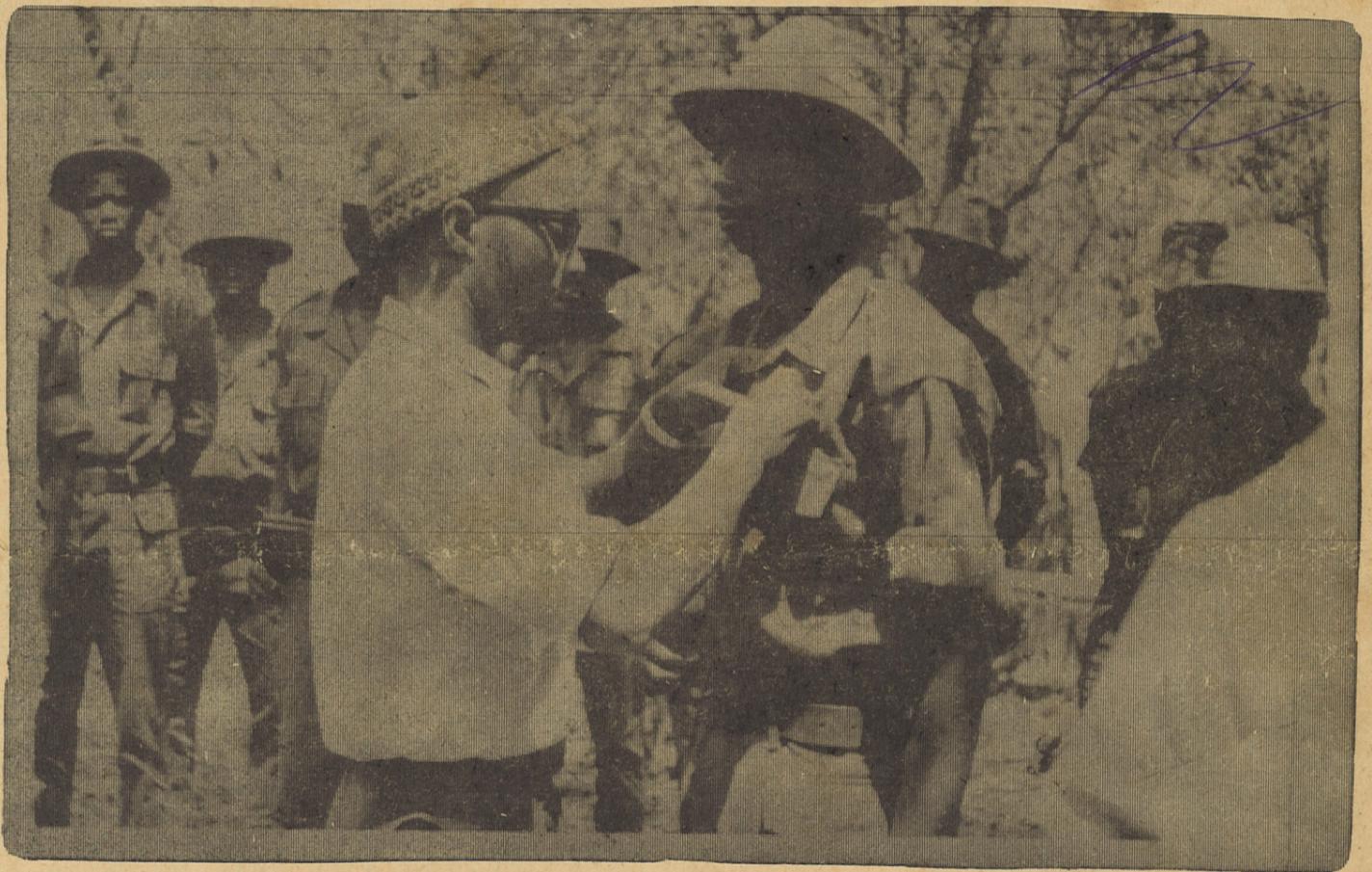
Com a independência da Guiné e de Cabo Verde, foram reunidas as condições para construirmos uma sociedade pacífica, progressiva e moderna, sonho de Cabral que nos cabe a nós concretizar. A verdadeira homenagem que podemos prestar hoje a todos os heróis e mártires do nosso Povo é, sob a justa e esclarecida orientação do nosso glorioso Partido, continuarmos a trabalhar arduamente na construção de uma nova vida para todo o Povo, de forma a que ele possa, no seu conjunto, beneficiar dos progressos da ciência e da técnica e caminhar a par com todos os povos no mundo.

Nós não choramos os que caíram pela liberdade das nossas terras: fazamos deste terceiro aniversário do odioso assassinato de Amílcar Cabral não um dia de luto, mas uma jornada de luta!

Cada um no seu posto de trabalho, nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas repartições, vamos, camaradas, reforçar a nossa uni-

(Continua na Pág.º 10)

20 DE JANEIRO DE 1973 — 20 DE JANEIRO DE 1976

**DIA DOS HERÓIS NACIONAIS**

Este ano como nos anteriores, o nosso povo recorda os seus heróis no dia 20 de Janeiro, ou seja, hoje mesmo, em actividades predominantemente

políticas. Do significado do dia, da importância que cada 20 de Janeiro tem para o avanço da nossa luta, procurámos dizer nesta edição do

«Nó Pintcha», praticamente dedicada aos que lutaram e morreram sem verem a Pátria libertada e o nosso povo, em Paz, traçando o seu rumo para o futuro.

O Primeiro-Ministro da Guiné discutiu com os nossos dirigentes o apoio à R. P. A.

O camarada Luiz Cabral, presidente do Conselho de Estado, recebeu no passado domingo uma delegação da República da Guiné, chefiada pelo primeiro-ministro daquele país, Lansana Beavogui, que era portador de uma mensagem do presidente Ahmed Sekou Touré.

A delegação de que faziam parte os ministros dos Negócios Estrangeiros, Fily Cissoko, e da Informação e Ideologia, Senanon Behanzin, e o embaixador da República da Guiné no nosso país, Charles Beavogui, chegou à nossa capital na manhã de do-

mingo, tendo regressado a Conakry no mesmo dia, a seguir à entrega da mensagem ao presidente Luiz Cabral.

No aeroporto, onde era aguardado por uma importante delegação do nosso Partido e do nosso Estado chefiada pelos camaradas Francisco Mendes e João Bernardo Vieira, ambos do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta, e respectivamente Comissário Principal e Comissário de Estado das Forças Armadas, o primeiro-

(Continua na página 12)

Gostaríamos, no entanto de salientar as seis páginas centrais desta edição em que levamos aos camaradas leitores parte da vida dos heróis nacionais em cujo exemplo nos devemos inspirar para levar adiante a nossa luta.

O resto da edição é dedicado às comemorações em todo o País (páginas dois e três) e ao noticiário nacional e do estrangeiro nas (páginas dez, onze e doze).

Hoje-12 páginas**Adiadas as cerimónias oficiais**

O 20 de Janeiro, que o nosso povo comemora como «Dia dos Heróis Nacionais», recordando todos os que pereceram ao longo da luta armada de libertação nacional, não será este ano assinalado em Bissau por quaisquer cerimónias oficiais. Devem continuar, no entanto, as actividades enquadradas na semana de esclarecimento e agitação política que as organizações de massa do Partido têm vindo a prosseguir, em torno da vida e obra de Amílcar Cabral.

A razão para esta ausência de actos oficiais é simples: estava prevista a conclusão do mausoléu provisó-

(Continua na Pág.º 10)

"Dia dos Heróis Nacionais"

O 20 de Janeiro comemorado em todo o país

Comícios, jornadas de trabalho voluntário e sessões culturais foram os principais acontecimentos políticos do País nos últimos dias. Estas manifestações integram-se nas comemorações dos Heróis Nacionais, promovidas pelas organizações de massas do Partido.

O significado político do «20 de Janeiro», que comemoramos em todo o País, foi posto em relevo nos comícios e reuniões de esclarecimento que, na região de Bissau, se realizaram um pouco por todo o lado, desde os bairros aos locais de trabalho e escolas.

Membros da Direcção do Partido e do Governo participaram em alguns destes encontros com a população, aproveitando a oportunidade para falarem sobre a vida e a obra do nosso grande líder A-

milcar Cabral e sobre a necessidade de prosseguirmos o trabalho que ele iniciou, laborando afinadamente na reconstrução da nossa terra, agora livre e reforçando a nossa consciência política.

Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, António Buscardini, membro do CSL do Partido e secretário-geral da Segurança Nacional e Ordem Pública, Manuel Boal, secretário-geral da Saúde e Assuntos Sociais, Vasco Salvador Correia e José Neto, também do Comissariado da Segurança, foram alguns dos dirigentes que nestes dias mais contactaram com a população, através da sua presença nos comícios realizados em Bissau. Elementos da JAAC e da Comissão Feminina do PAIGC fa-

laram igualmente ao povo sobre o sentido do Dia dos Heróis Nacionais.

ONTEM: REUNIÕES NOS LOCAIS DE TRABALHO

O programa comemorativo do «20 de Janeiro» foi ontem marcado pela realização de reuniões políticas nos locais de trabalho, a partir das 18 horas. Representações da JAAC e da Comissão Feminina do PAIGC deslocaram-se a todos os Comissariados, empresas e fábricas para falarem aos trabalhadores sobre a unidade Guiné-Cabo Verde e sobre o papel da mulher na luta de libertação nacional. O camarada Mário Cabral esteve no Bloco Circum-Escolar onde traçou o perfil de Amíl-

car Cabral e salientou alguns aspectos mais significativos da sua obra.

UM DOMINGO DE TRABALHO

O domingo marcou um ponto alto nas comemorações que precederam o «20 de Janeiro». A participação da população no trabalho voluntário promovido pela JAAC e pela Comissão Feminina em todos os bairros demonstrou, de forma clara, a sua disposição para o trabalho e para o sacrifício pela reconstrução da nossa terra. Do mesmo espírito comungaram professores e alunos que, apesar de ser o seu dia de descanso habitual, compareceram nas aulas. No Liceu e Escola Técnica de Bissau, o Dia dos Heróis Nacionais foi igualmente assinalado pela afixação de jornais murais, mostrando aspectos da luta de libertação nacional e do trabalho para a reconstrução do nosso país.

Sob a presidência do camarada António Buscardini, membro do CSL, realizou-se na tarde de domingo a partir das 16 horas, na sede do Comité 3 de Agosto, uma reunião a que estiveram presentes centenas de marinheiros daquele comité. Esteve também presente o camarada Vasco Salvador Correia, do Comissariado de Estado de Segurança Nacional e Ordem Pública.

O camarada Buscardini abordou o tema «Amílcar Cabral, o homem e a sua obra». Depois, falou o camarada Vasco Salvador Correia que, após ter repisado as palavras do camarada Buscardini, fez um histórico da nossa luta de libertação nacional, enumerando as dificuldades que o Partido teve que enfrentar para conseguir levar a cabo essa luta. Falou do exemplo dos nossos heróis da luta de libertação nacional, frisando que é um exemplo a seguir por todos os filhos da nossa terra. Referindo-se às dificuldades que o Partido encontra nesta nova fase de luta encorajou os ouvintes a darem a sua total contribuição e a porem-se ao lado do PAIGC, para assim conseguirmos levar a cabo esta nobre tarefa em que estamos empenhados.

Na sua longa exposição, falou nos acontecimentos que precederam a morte do camarada Cabral, na constante tentativa do assassinato do nosso imortal líder e na traição de alguns filhos da nossa terra que, a soldo dos colonialistas, traíram o nosso povo, comparando a vida destes «cachorros e servidores dos tuguas» com a dos nossos irmãos que deram a vida pela causa do povo.

NO SÁBADO: COMÍCIOS EM TODOS OS BAIRROS

O programa comemorativo da Organização do Partido em homenagem ao «Dia dos Heróis Nacionais», foi assinalado no sábado por várias manifestações políticas em diferentes bairros de Bissau, uma das quais foi o comício realizado no Bairro de Mindara, presidido pelo camarada Vasco Salvador Correia, responsável pela formação de quadros da Segurança Nacional e Ordem Pública.

Assistiram alguns militantes do nosso Partido, responsáveis pelo Comité do mesmo bairro, membros da J.A.A.C. e da Comissão do PAIGC e numerosos populares. A certo passo a sua intervenção, que excedeu duas horas, o camarada Vasco Salvador Correia afirmou:

«Chamar Amílcar Cabral militante n.º 1 do Partido, fundador

(Continua na página 3)

RESPONDE O POVO

Que significado tem, para si, o 20 de Janeiro?

O «20 de Janeiro» é, em todo o País, um dia de profunda reflexão política. Mas que significado específico tem este dia para cada cidadão construtor deste País, desde os que trabalham, aos que estudam, passando pelos que detêm as armas para defender a nossa revolução?

MALAM CAMARÁ (FARP)

«Para nós, militantes do Partido, e creio que para todo o povo da Guiné e Cabo Verde, este dia é de luto e de profunda reflexão».

«De luto porque recordamos o bárbaro assassinato do camarada Cabral pelos colonialistas portugueses que, auxiliados por traidores filhos do nosso povo, conseguiram ver realizada a sua tentativa de fazer desaparecer aquele que foi o guia da nossa luta, tentativa essa que vinha já de há longa data».

«De reflexão porque, se todos nós pensarmos um pouco no grande sacrifício que este grande filho da nossa terra fez para conseguir libertar o seu povo da dominação colonial que nessa altura sufocava o nosso povo da Guiné e Cabo Verde, se pensarmos em todos os outros nossos companheiros e irmãos que ficaram na luta, dando a vida para que hoje possamos viver livres, então concluímos que a maneira mais justa de honrar a memória desses camaradas é unir os nossos esforços num só e levar para a frente a obra por eles iniciada e defender intransigentemente os ideais por que deram a vida».

«De que maneira devemos render homenagem a Cabral

e a todos os filhos da nossa terra que deram a vida defendendo os ideais do nosso Partido e, portanto, do nosso povo? Só seguindo o exemplo deles. Só lutando com o Partido para levar para a frente a grande tarefa de reconstrução nacional em que o nosso Partido está seriamente empenhado e em que todos nós devemos participar, dando o máximo de nós mesmos. Só assim é que podemos saldar as nossas dívidas para com esses nossos irmãos».

SÁBADO DIAS (Doméstica)

«Nós, as mulheres da Guiné e Cabo Verde, lembramos este dia com lágrimas nos olhos e o coração cheio de profundo pesar. Lembramos o camarada Amílcar Cabral, aquele grande filho da nossa terra que deu a sua vida para nos libertar. Lembramos igualmente os nossos filhos que ficaram no campo de batalha e que hoje em dia todos nós choramos. Eles morreram, sim, mas os seus nomes continuarão vivo na boca do nosso povo e deles falará a história para sempre. Mas devemos saber escander as nossas lágrimas para, assim, encorajar aqueles nossos filhos que ficaram a pegar teso a levar a obra deles para diante. Para nós, mulheres, principalmente aquelas que participaram na luta, que viram cair os seus filhos, ceifados pelas criminosas balas dos colonialistas, este dia deve ser de tomada de consciência, porque sabemos que um dos ideais por que morreu Cabral é a emancipação das mulheres».

ANTÓNIO M. PEREIRA (Funcionário)

«No meu ponto de vista, a melhor maneira de homenagear a memória do nosso imortal líder, camarada Amílcar Cabral, assim como a de todos os nossos heróis tombados durante a luta, é pôr em prática os ensinamentos de Cabral, adaptando-os à época que atravessamos».

«Não devemos apenas repetir o que Cabral nos legou, como assinalou um dirigente, mas pôr em prática esses ensinamentos e fazer com que eles evoluam em cada fase da luta que atravessamos. De modo contrário seria cristalizá-los».

CASIMIRO CABRAL (Estudante trabalhador)

«O 20 de Janeiro é a data do assassinato do camarada Amílcar Cabral pelo colonialismo português e seus agentes. Nesse dia comemoramos também todos os Heróis Nacionais. Na minha opinião, a melhor maneira de o comemorar e de homenagear esses nossos irmãos, os melhores filhos da nossa terra, que deram a vida no campo da luta, para que hoje pudéssemos viver livres da dominação colonial, é trabalhar no sentido de levar avante a obra por eles iniciada, é defender intransigentemente os ideais por que deram a vida. Caso contrário seria trair a sua memória, seria desprezar o grande sacrifício desses nossos irmãos que pagaram com a vida a liberdade em que hoje vivemos».

NÔ PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sal às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00
6 meses 250\$00

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano 500\$00
6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição e Venda do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 164

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

Hoje — «CENTRAL» Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

Amanhã — «HIGIENE» Rua António N. Bana, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSOES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIARIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

AMANHÃ — às 20,45 horas

«MELODIA INCOMPLETA» m/13 anos.



Uma sessão de esclarecimento preparatória do 20 de Janeiro

As comemorações do 20 de Janeiro

(Continuação da pág. 2)

da nacionalidade ou secretário-geral do PAIGC, não corresponde realmente ao seu valor. Nós ainda não sabemos o nome que lhe podemos dar. Mas, cedo ou tarde, o nosso povo descobrirá um nome que corresponde àquilo que ele foi.

Noutra passagem, disse:

«Sabemos que muitas mães, pais e irmãos esperavam ansiosamente ver regressar da guerra os seus filhos e irmãos. Mas não tiveram essa sorte nem souberam como morreram e onde foram enterrados. Se nós não dedicarmos activamente as nossas forças ao trabalho do nosso País e não fizermos alguma coisa para que esses pais possam consolar as suas consciências, dizendo eles próprios que os seus filhos não morreram em vão e que afinal morreram para uma causa justa, então estamos enganados. Erramos».

Ao mesmo tempo que o camarada Vasco Salvador Correia presidia ao comício no bairro de Mindará, o camarada Manuel Boal e Ana Maria Cabral, viúva do nosso grande líder, participavam no

comício que se realizava no Comité 24 de Setembro. Entre algumas dezenas de pessoas presentes, contavam-se os camaradas Adolfo Julião de Barros, responsável político da Organização do Partido no sector de Bissau e Maria Mendes, esposa do Comissário Principal.

O camarada Manuel Boal comentou a fraca participação dos habitantes do bairro no comício, afirmando que este bairro tem especial importância por se encontrar ao lado do Pidjiguiti, local onde se deu o acontecimento histórico que transformou toda a vida do Partido. Apelou a todos os responsáveis do comité no sentido de mobilizarem a população, salientando que isso também é uma forma de luta.

No mesmo sentido se expressou o camarada Julião de Barros, ao usar da palavra a seguir. Por fim, Ana Maria Cabral e Maria Augusta Mendes desenvolveram o tema da participação das mulheres na luta de libertação nacional. Apêlaram a todas as mulheres para que participem activamente nesta fase da luta e na organização das mulheres.

O primeiro comício promovido pela Organização do Partido na semana que antecedeu o Dia dos Heróis Nacionais realizou-se na tarde da passada sexta-feira, no salão do Bloco Circun-escolar.

Foi orador o camarada António Buscardini, que falou sobre a vida daquele fundador da nossa nacionalidade, referindo-se à obra por ele levada a cabo no sentido de ver concretizados os seus ideais de libertar o nosso povo do domínio colonial a que estava subjugado.

Estiveram presentes neste comício os camaradas Mário Cabral, Comissário de Estado de Educação e Cultura, José Neto, do Comissariado de Segurança Nacional e Ordem Pública, Manecas, reitor do Liceu Nacional Kwame N'Krumah, vários professores nacionais, cooperantes e alunos.

EM BOLAMA

BOLAMA (Do correspondente do «Nô Pintcha» — Bolama preparou-se para a comemoração do «Dia dos Heróis Nacionais» através de reuniões de esclarecimento, projecção de filmes «meetings» e uma exposição de fotografia e desenho. Mas a cidade empenhou-se sobretudo, no trabalho voluntário de limpeza e reconstrução da rua principal que passa a chamar-se Avenida Amílcar Cabral.

No próprio dia dos Heróis Nacionais, o programa alarga-se desde a manhã (com concentração no estádio) até à noite, estando prevista para as 20 e 30 horas uma manifestação cultural. Ao longo do dia far-se-á um desfile militar, juramento dos pioneiros, ginástica de massas, meeting e jogos de voleibol.

Amanhã à noite proceder-se-á ao encerramento da exposição de desenho e fotografia. As comemorações foram dinamizadas, durante esta semana preparatória, pela organização local da JAAC que, aliás, iniciara no dia 12 uma campanha de projecção de filmes nas tabancas e bairros mais populosos.

20 DE JANEIRO EM CABO VERDE

Um comício a realizar na Vila de Assomada, no concelho de Santa Catarina (Ilha de S. Tiago) constitui uma das principais cerimónias comemorativas do 20 de Janeiro em Cabo Verde, promovidas pela JAAC.

Neste comício estará presente o Primeiro-Ministro do país irmão, camarada Pedro Pires.

Outras manifestações marcam a passagem do Dia dos Heróis Nacionais naquela ilha. Assim, na Vila de Pedra Badejo, às 10 horas realiza-se um sarau musical, seguido de comí-

cio e desfile. Às 15 horas efectua-se uma prova de natação e às 16 horas um desafio de futebol entre as equipas de Pedra Badejo e «Djato de África» (Achadinha.) Às 18 horas, tem início uma sessão de batucada no mercado da vila.

Comícios, reuniões, sessões culturais e desportivas assinalam de igual modo o 20 de Janeiro nas restantes ilhas de Cabo Verde. Destacamos o comício promovido pelo Comité Coordenador dos Comités da Função Pública, que se realiza no liceu Domingos Ramos.



Amílcar Cabral

Eu jurei a mim mesmo dar a minha vida ao serviço do meu povo na Guiné e Cabo Verde

No final do Seminário de Quadros do PAIGC em 1969, o camarada Amílcar Cabral proferiu a saudação que transcrevemos, parcialmente:

«Camaradas, tenho a esperança de que vocês vão cumprir o vosso dever como deve ser. Nós temos confiança nos nossos camaradas. Nós sabemos que em todas as lutas, há gente que fica para trás e gente que vai para a frente. É possível que no vosso sector alguns não tenham compreendido, que hoje estão satisfeitos mas que amanhã podem falhar, é possível vamos ver. Mas ninguém amanhã pode dizer que não sabia, que a verdade não lhe tocou».

[...] «Mas temos grande esperança também, uma esperança reforçada, nos nossos camaradas jovens aqui presentes, homens ou mulheres, em todos aqueles que assistiram a este seminário e que estão trabalhando há menos tempo no nosso Partido. Temos grandes esperanças, temos confiança neles como portadores da bandeira do nosso Partido amanhã, assim como temos certeza na sua capacidade para dirigir o nosso Partido, hoje mesmo. E eles podem estar certos desta coisa que já lhes disse: no nosso Partido o meu está aberto para todos os valores da nossa terra, homens ou mulheres, que avançam para a frente, que dão o máximo ao serviço da nossa terra, Guiné e Cabo Verde, camaradas».

Podemos reafirmar aqui também a nossa confiança em todos os meninos da nossa terra, que estão ligados com o nosso Partido, em todos os jovens das nossas escolas, nos jovens da Escola-Piloto, espere na nossa terra amanhã, porque nós não podemos deixar de dizer que já lhes disse: no nosso Partido o meu está aberto para todos os valores da nossa terra, homens ou mulheres, que avançam para a frente, que dão o máximo ao serviço da nossa terra, Guiné e Cabo Verde, camaradas».

«Camaradas, eu jurei a mim mesmo, nunca vou deixar de mobilizar, trabalhar para o meu povo, jurei a mim mesmo, que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a minha capacidade que posso ter como homem, até ao fim, em que morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da causa da humanidade para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no mundo. Este é que é o meu trabalho».

«Tenho feito o máximo para conseguir isso, e tenho feito o máximo, não por causa de trabalhar só para mim, mas porque tenho sabido encontrar homens e mulheres para trabalharem comigo. E tenho procurado, na medida do possível, passar para a sua cabeça, para o seu coração, para o seu sentimento, para o seu pensamento, tudo aquilo que posso realizar como homem, toda a minha consciência. E só assim é que podemos valer como militantes, verdadeiros do nosso Partido, como lutadores para o progresso do nosso povo, camaradas».

«Camaradas, no fim deste seminário, tenho a sensação de ter cumprido o meu dever porque tenho muita consciência, eu não tenho nenhum orgulho, nem nas manias, mas sei bem o que tenho que fazer, sei muito bem o que estou a dizer, sei muito bem o que eu quero dizer e sei muito bem o que a Direcção do nosso Partido quer, com este seminário».

«Mesmo quando dou a palavra a um camarada, embora ele não tenha pedido, eu sei o que tenho que fazer. Eu tenho a obrigação de conhecer cada um dos camaradas o melhor possível, e também tenho a obrigação de me conhecer a mim mesmo, o melhor possível, camaradas».



Domingos Ramos
Coragem e indomável
combate
trabalhou sem limites
Partido

«Camarada Domingos Ramos, um dos principais responsáveis do Partido, era um militante de primeira hora, e gozava de simpatia entre os militantes e no seio do nosso povo. Sua atuação dinâmica, pela sua inteligência e pelo seu amor sem limites ao nosso Partido, ele deu uma das mais importantes contribuições ao reforço da nossa organização política e ao desenvolvimento vitorioso da nossa luta armada de libertação nacional».

Em estas palavras, o jornal «Liber-tação», de Novembro de 1966, falava ao conhecimento dos camaradas combatentes a morte de Domingos Ramos (Cá), membro do Bureau Político do Partido e Comissário das Forças Armadas, na região Leste, ao mesmo tempo traçava um justo elogio às qualidades de homem e de militante da liberdade.

Domingos Ramos morreu a 3 de Novembro de 1966 e com essa altura 31 anos de idade. No decurso do ataque ao forte fortificado de Madina da Praia foi atingido por um estouro de morteiro iniciando os cuidados que foram dispensados imediatamente pelo médico destacado na região foi possível salvar a vida. O heróico camarada morreu algumas horas de-

pois, vítima de hemorragia interna do fígado.

Na mesma edição do «Liber-tação» — órgão informativo do Partido para todas as frentes de combate — dava-se ainda conta de um aspecto da morte de Domingos Ramos que mais justificou a enorme admiração que por ele tinham todos os combatentes.

Contava-se:

«O camarada Domingos Ramos morreu como um herói. E momentos antes de nos deixar para sempre, quis dar-nos mais uma lição de patriotismo e de amor ao Partido, dirigindo palavras de encorajamento aos responsáveis e militantes presentes, escrevendo as seguintes palavras para o nosso Secretário-Geral:

«Camarada Cabral:
 É assim a luta de libertação».



Tem que haver sacrifícios.
Coragem e avante! Vitória para o PAIGC.
Viva o Povo da Guiné e Cabo Verde!»

LIGADO, COMO UNHA E CARNE, COM O POVO

Domingos Ramos provinha de uma família de empregados da cidade de Bissau. Desde a in-

fância começou a indignar-se com os vexames da discriminação e da opressão colonial praticadas pelos colonialistas portugueses. Terminados os estudos numa escola de saúde, passou a trabalhar no hospital. Mas logo foi despedido pelas autoridades por se opôr abertamente aos maus tratos infligidos pelos coloniais aos seus compatriotas. As autoridades coloniais

forçaram-no a servir no exército. A perseguição dos colonialistas serviu-lhe de lição, pela negat va, e fê-lo compreender, gradualmente, a necessidade de organizar-se para lutar. Em 1957, Domingos Ramos, com 24 anos de idade, ingressou clandestinamente no PAIGC, que se havia fundado em Bissau no ano anterior. Desde então devotou-se activamente à luta pela libertação da Pátria.

No dia 3 de Agosto de 1959, os operários do porto de Pidjiguiti, na cidade de Bissau organizaram uma greve contra a opressão e exploração cruéis por parte dos colonialistas portugueses. As autoridades colonialistas recorreram ao exército e à polícia para reprimir os grevistas. Domingos recusou-se, resolutamente, a abrir fogo contra os grevistas, e abandonou o exército colonialista.

Em 1961 foi enviado pelo Partido à região rural de Xitole, no sul, para mobilizar as massas e espalhar as sementes da luta de libertação. Apresentou-se na tabanca de Satacuta e, inspiradas por ele, as massas de Satacuta e das tabancas vizinhas levantaram-se, umas após outras, recusando-se a pagar os impostos, sabotando as telecomunicações e os transportes do inimigo. Isso provocou grande inquietação entre as autoridades colonialistas. A tropa e a polícia colonialista lançavam-se frequentemente sobre as tabancas para prender Domingos, mas a população arriscava a própria vida para o proteger.

Em Conakry, Domingos Ramos foi nomeado responsável

(Continua na pág. 8)

ISSAU NA ISNA

LUTOU EM TODAS AS FRENTES PARA MORRER ÀS PORTAS DE BISSAU

Pansau N'Isna era balanta, natural do Ilheu de N'Fanda, filho de pais agricultores. Destacara-se cedo na mobilização e nas acções armadas mas foi na batalha da ilha de Como que o seu nome começou a tornar-se uma legenda de prestígio entre os combatentes da nossa terra.

No começo, integrava um grupo de combate em que se destacavam a seu lado os camaradas Amâncio Gomes e Agostinho Sá. No ataque dos portugueses em Cafini, Pansau N'Isna ficou ferido. O grupo tinha sido denunciado por um comerciante de nome Brandão podendo assim a tropa portuguesa surpreendê-lo. Aliás, o mesmo indivíduo insistiu nas suas manobras de amedrontação para poder proteger as suas lojas na ilha de Como. Estas acções deram aliás origem à morte de dois camaradas o que motivou uma acção de represália em Umcomme. Pansau tomou parte nesse ataque.

Algum tempo depois da batalha de Como, em Krichcô, os colonialistas queimaram as bolanhas da população e o grupo de que fazia parte Pansau N'Is-

na moveu-lhes uma dura perseguição que os afugentou daquela área. O camarada Agostinho Sá que comandava o grupo dos nossos combatentes foi ferido num ombro e evacuado para Conakry, assumindo Pansau o comando. Aliás era a este camarada que competiam as operações de reconhecimento.

Mas a batalha de Como ficou a marcar definitivamente o arranque vitorioso da nossa luta. Em Janeiro de 1964 a tropa colonial isolou completamente a ilha de Como. Só por volta da meia noite se podia sair ou penetrar na ilha. O exemplo de Pansau N'Isna e dos seus heróicos camaradas de combate era seguido à risca pelo povo, mesmo as mulheres pegaram em armas, apesar de Cabral aconselhar a retirada da ilha das crianças, mulheres e «homens gran-

des». Ninguém abandonou o combate. Foi considerável a ajuda das mulheres que transportavam munições e água e a comida que eram as próprias que cozinhavam. Tudo isto de armas à cinta e debaixo do fogo dos aviões, durante cerca de três meses.

Soube-se, entretanto, que os portugueses pretendiam levar os nossos combatentes a gastar as suas munições para depois os «apanharem à mão», conforme diziam. Três meses durou o cerco mas nunca conseguiram penetrar na ilha de Como, a tal ponto que chegaram a espalhar o boato que nós já fabricávamos balas na ilha. Só não sabiam que vários combatentes, entre eles um camarada chamado N'Dele atravessava a ilha, à tardinha para ir a Daresalam onde o camarada Umarú Djaló comandava uma base, para buscar munições que transportava lá para a meia-noite. Um dos camaradas chegou a deslocar-se a

(Continua na pág. 8)



Um exemplo da dignidade das mulheres da nossa Terra

Titina Silá

Após o assassinato do nosso imortal «leader», e sendo amiga pessoal do camarada Amílcar Cabral, Titina Silá foi escolhida para tomar parte na delegação que ia assistir ao funeral do nosso Secretário-Geral. No dia 31 de Janeiro, a delegação partiu de Morés para a fronteira e durante a travessia do rio Farim num bote de borracha, quando estavam no meio do rio, surgiu repentinamente um barco inimigo que abriu fogo sobre o bote. A camarada Titina foi atingida e caiu à água. Um camarada médico cubano ainda tentou agarrá-la, mas escapou-se, pois não sabia nadar e desapareceu no rio.

Titina criara um campo de preparação de milícias na frente norte, ficando mais tarde adjunto do comandante de milícias nessa frente.

Na reunião da direcção do Partido em 1970 foi nomeada membro do Conselho Superior da Luta. Era casada com o camarada Manuel N'Digna, membro do CSL do Partido e do Estado-Maior das FARP e tinha

dois filhos um do qual morreu. Titina Silá, filha de Augusto Silá e de Eva Gomes de Araújo, nasceu no dia 1 de Abril de 1943, em Cadique Betna.

Em 1961, em Cafine, no sul do País, tiveram lugar os seus primeiros contactos com o Partido que procedia nessa altura à mobilização nessa região. A mãe procurou impedi-la, por ser ainda pequena e mandou-a de novo para Bissau. Os camaradas Nino Veira e Umarú Djaló ainda tentaram persuadir a mãe a deixar Titina trabalhar com o Partido, mas ela opôs-se e acabou por fugir para a base de Galã, no sector de Cubucaré.

No ano seguinte, o camarada Amílcar Cabral iniciou a mobilização de raparigas jovens para a preparação política. Titina foi a primeira a ser escolhida, tendo seguido em 1963, com mais duas camaradas para a Konsomol, na União Soviética. Razões de saúde impediram-na de concluir o curso, regressando em 1964 para a Frente Sul onde continuou o trabalho político no seio do povo. Participou no Congresso do

nosso Partido em Cassacá (Fevereiro de 1964), trabalhando ao lado do camarada Amílcar Cabral.

No ano de 1965 foi de novo chamada para frequentar um curso de enfermagem em Kiev (União Soviética) para onde seguiu com as camaradas Carmen Pereira, Ana Maria Soares e outras camaradas. Titina Silá que, juntamente com a camarada Carmen Pereira, chefiava o grupo, revelou-se durante o curso como uma brilhante aluna, ajudava as outras camaradas quando tinham dificuldades e finalizou o curso com uma boa classificação.

Com a saída do camarada João da Costa, responsável da Saúde na Frente Norte, Titina Silá ficou a substituí-lo, sendo, ao mesmo tempo, responsável pela direcção superior do nosso Partido, no lugar de Comissário Político da Região de Sará-Candjambari.

A morte de um dos filhos, em 1972, deixou a camarada Titina Silá muito abalada, razão por que passou algum tempo na Argélia a repousar. Pouco depois do seu regresso, tomou parte numa delegação do nosso Partido que se deslocou à Líbia, regressando em Dezembro do mesmo ano.



GUERRA MENDES

COMO MILITANTE E GUERRILHEIRO NUNCA RECUOU NO SEU POSTO

Guerra Mendes, nasceu no dia 15 de Julho de 1936, filho de Domingos Luiz Mendes e de Sábado Correia, natural de Gêba.

Aos nove anos de idade veio para Bissau, ficando em casa do tio Domingos Mendes, para frequentar a escola. Matriculou-se na escola primária para ter a certidão de «civilizado».

Em 1954 fez o exame de 4.ª classe, e, em seguida, admissão à escola de enfermagem. Reprovou. No exame seguinte reprovou mais uma vez. Então, desiludido, pois o seu maior sonho era ser enfermeiro, desistiu passando a dedicar-se à profissão de alfaiate com o tio que era um artista na profissão.

Tomou parte em várias reuniões políticas do Partido em Bissau, antes de partir para o exterior do país, o que fez em Janeiro de 1961, indo pela via Bafatá e Boé.

No ano de 1963, em Maio, quando se encontrava em Ziguinchor, na República de Senegal, foi

destacado do 3.º grupo, com mais sete camaradas para receber a preparação militar de seis meses na República Popular da China, na Academia Militar. Depois de seu regresso, entrou logo para o interior da nossa terra, ficando como responsável da base de Intuan na antiga Zona 8, na frente Sul. O camarada Rui Djassi era responsável dessa zona. Após a morte de Rui Djassi, Guerra Mendes foi nomeado responsável da Zona 8.

Era um camarada que nunca manifestava fadiga, estava sempre pronto a andar quilómetros e quilómetros para resolver qualquer problema que porventura surgisse.

O camarada Guerra Mendes, não é daqueles responsáveis que manda fazer. Fazia ele mesmo. Como militante e como guerrilheiro esteve sempre à altura das suas responsabilidades e nunca recuou do seu posto. Daí a justiça das homenagens que lhe presta o nosso povo.

OSVALDO VIEIRA

Um dos iniciadores da luta armada

No dia 31 de Março de 1974, cerca das dez horas da manhã, morria no Hospital de Kudara o nosso querido camarada Osvaldo Vieira, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e um dos principais dirigentes do PAIGC, desde a primeira hora.

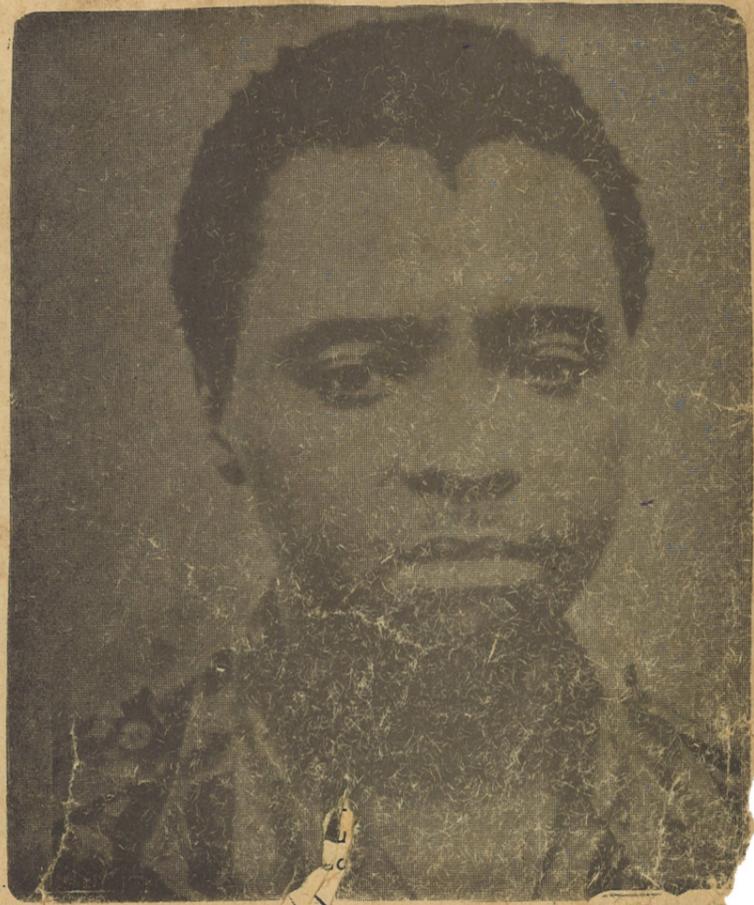
Osvaldo Vieira, herói do nosso povo, começou a luta ainda menino. Nascido de uma humilde família de Bissau, em 1939, aos quinze anos, com o 2.º grau, Osvaldo Vieira trabalhava de dia e estudava de noite. Depois de mobilizado pelo Partido, formado na escola do nosso saudoso dirigente Amílcar Cabral, foi incumbido, juntamente com outros jovens, de trabalhar na mobilização do nosso povo para a luta armada de libertação nacional.

O camarada Osvaldo, de grande capacidade organizativa e extraordinariamente popular, pelas suas qualidades de chefia, quer entre os combatentes, quer entre a população, foi quem lançou as primeiras acções armadas no Norte do País, em Morés, no mato de O'o, espalhando a luta armada por todo o Norte, de Bafatá a Cantchungo, de Sara até à fronteira.

Membro do antigo Bureau Político do Partido, depois do

Conselho de Guerra e do Comité Executivo da Luta do PAIGC, o camarada Osvaldo Vieira, grande combatente, terá o seu nome gravado para sempre — como o de outros heróis do nos-

so povo — na memória de todos os filhos da Guiné e de Cabo Verde, como um Homem que se decidiu inteiramente à obra imortal iniciada por Amílcar Cabral de libertação do nosso povo.





O camarada Cabral aproxima-se da terra firme para se dirigir ao Congresso de Cassacá

“SOU UM SIMPLES AFRICANO QUE QUIS PAGAR A SUA DÍVIDA PARA COM O SEU POVO E VIVER A SUA EPOCA”

«Sou um simples africano que quis pagar a sua dívida para com o seu povo e viver a sua época», dizia o camarada Amílcar Cabral nascido em 12 de Setembro de 1925, em Bafatá. O camarada Cabral fez os seus estudos secundários no Liceu de São Vicente (Cabo Verde), e em 1950 terminou, com alta classificação, os seus estudos de engenheiro agrónomo no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa.

Técnico brilhante, ele efectuou, em 1953, na Guiné, o primeiro recenseamento agrícola do País, trabalho que mereceu referências especiais nas reuniões internacionais da especialidade.

O camarada Amílcar Cabral exerceu igualmente a sua actividade profissional em Angola e em Portugal, onde fez pesquisas agronómicas e publicou vários estudos altamente apreciados nos meios técnicos e científicos.

A situação pessoal privilegiada que a sua alta competência profissional lhe permitia nunca desviou no entanto o camarada Amílcar dos seus deveres de patriota africano. Assim, ele abraçou desde a primeira hora a causa da emancipação do nosso continente, assumindo a responsabilidade histórica de despertar para a luta, organizar e conduzir o nosso povo nos caminhos difíceis mas gloriosos da libertação nacional.

Já em 1954, com alguns dos dirigentes actuais do MPLA e da FRELIMO, o camarada Amílcar fundava em Lisboa o MAC (Movimento Anti-Colonialista) que, mais tarde, cedeu lugar à FRAN (Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional), criada em Janeiro de 1960 em Tunes. Foi igualmente um dos promotores da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), que reuniu em Abril de 1961, em Casablanca, os Movimentos

de Libertação de África e de Goa.

Foi em 19 de Setembro de 1956, com cinco outros patriotas guineenses e caboverdianos entre os quais Aristides Pereira e Luiz Cabral, que o camarada Amílcar Cabral fundou o nosso Partido, o PAIGC, que dirigiu, como primeiro responsável até a sua morte. Em 1959, quando se encontrava em Angola, sobrevieram os acontecimentos trágicos conhecidos pelo nome de Massacre de Pidjiguiti, no decorrer dos quais os soldados portugueses e os colonos armados mataram mais de cinquenta trabalhadores em greve. Face à repressão desenfreada que se seguia a estes acontecimentos, o camarada Amílcar Cabral, que regressara a Bissau para dirigir uma reunião extraordinária de quadros do Partido, definiu as vias e os meios para a nova fase da luta, a da acção armada, único caminho que poderia conduzir a libertação do nosso povo.

“NÃO HÁ FORÇA CAPAZ DE PARAR

Após o cobarde e criminoso assassinato do nosso querido dirigente Amílcar Cabral, a Direcção do P.A.I.G.C. reuniu-se, de 7 a 9 de Fevereiro de 1973, e emitiu o seguinte comunicado:

Os membros do CEL e do CSL presentes em Conakry reuniram-se de 7 a 9 de Fevereiro. A reunião decorreu com o maior espírito de democracia e de responsabilidade militante. Esta reunião teve lugar num momento doloroso e trágico da nossa vida e da nossa luta — o do desaparecimento físico do nosso querido leader, camarada AMÍLCAR CABRAL, fundador e Secretário Geral do nosso Partido durante 16 anos. Assassinado Amílcar Cabral os colonialistas portugueses e os seus agentes cometeram um crime crapuloso e abominável contra o nosso povo e o nosso Partido. Para todos nós, combatentes conscientes ao serviço do nosso povo, são claras as razões deste crime monstruoso e sujo: a obra gigantesca realizada pelo nosso Partido, os sucessos alcançados durante tantos anos de luta e de sacrifício, fecundados pelo sangue de tantos mártires e heróis, sob a direcção esclarecida e o estímulo pessoal do Amílcar Cabral. Tais sucessos, tanto no plano nacional como internacional, contribuíram para o crescente prestígio, admiração e respeito de que goza hoje na África e no mundo o nosso Partido e para tornar imortal a figura e a obra do nosso grande Leader. Hoje o nosso povo, antes votado ao esquecimento e ao anonimato sob a criminosa dominação colonial portuguesa, é conhecido em todo o mundo como um povo que conseguiu conquistar, numa parte importante da nossa terra, a sua dignidade e a sua liberdade, perdidas durante séculos. Nós dirigentes e responsáveis do Partido, estamos conscientes do lugar que nos cabe na história: dirigir o povo da Guiné e Cabo Verde para que conquiste o pleno exercício da sua independência, construa um futuro de liberdade, de paz, felicidade e progresso.

O único instrumento capaz de nos permitir realizar a nossa missão histórica é o nosso Partido, guia e luz da nossa libertação, de que o camarada Amílcar Cabral foi o fundador, o factor dinamizador e a verdadeira encarnação.»

«Traduzindo os sentimentos manifestados nas numerosas mensagens recebidas dos órgãos dirigentes das regiões libertadas e dos comandos das Forças Armadas que exprimem a indignação e a condenação do nosso povo por mais este crime inqualificável dos colonialistas portugueses, nós dirigentes e responsáveis decidimos a prosseguir na acção, por todos os meios ao

nosso alcance, sem olhar a sacrifícios, de acordo com as linhas traçadas previamente pelo nosso Secretário Geral, reafirmamos a nossa profunda fidelidade aos princípios do nosso grande Partido e aos objectivos do seu Programa e decidimos:

— Dar continuidade à acção política no interior da nossa terra, tanto na Guiné como em Cabo Verde, intensificando-a o mais possível, quer junto das massas quer junto dos militantes e dos combatentes;

— Prosseguir com todos os trabalhos relativos à Assembleia Nacional Popular, convocar a sua 1.ª reunião no decurso do corrente ano, numa das nossas regiões libertadas, e proclamar a existência do nosso Estado, na Guiné;

— Reafirmar a nossa determinação de agir no sentido de consolidar as nossas relações de amizade e solidariedade com os países africanos irmãos, em particular com as Repúblicas da Guiné e do Senegal, cujos povos e governos têm dado o maior apoio à nossa luta de libertação nacional; consolidar igualmente as nossas relações com os países que, noutros continentes têm apoiado a nossa luta — os países socialistas, a Suécia e outros — e com todas as forças anti-colonialistas, anti-imperialistas e progressistas no mundo;

— Convocar o Conselho de Guerra, cuja acção deve conduzir à intensificação da luta armada em todas as frentes, nesta fase decisiva da nossa luta. Reestruturar a nossa Marinha cuja direcção daqui em diante dependerá do Conselho de Guerra.

— Reforçar a nossa Segurança a todos os níveis tanto no interior como no exterior e, em particular, em torno dos principais dirigentes do Partido. Apressar o Inquérito relacionado com o monstruoso crime de assassinato do nosso Secretário-Geral e proceder com brevidade ao castigo dos culpados e dos seus cúmplices. Desmascarar todas as manobras políticas do inimigo, tanto no plano interno como internacional, sobretudo no que respeita às mentiras que diz, às confusões que tenta estabelecer e às conclusões que tenta tirar a partir do crime e os próprios colonialistas plasmaram e perpetraram, por dos seus agentes.

— Intensificar a luta nos centros urbanos e nas zonas o das pelo inimigo. Lançar ataques ofensivos em todas as frentes. A melhor maneira de fazer a luta é não deixar o go em repouso nem em seja aonde for que ele se conte. É essa também a melhor forma de garantir a das nossas regiões libe



Atenção permanente do braço armado do povo, as nossas gloriosas FARP

NENHUMA NO MUNDO

A MARCHA GLORIOSA DA NOSSA LUTA

das populações que nelas vivem. Em particular, fazer avançar a luta em Cabo Verde, intensificando o mais possível a luta política clandestina, as acções de massas e a sua mobilização;
— Encarregar um grupo de

camaradas de preparar as bases da próxima reunião do CSL, a partir de uma análise aprofundada da situação actual, fazendo-as discutir previamente pelas massas e responsáveis do Partido no interior, a fim de reco-

lher sugestões e propostas. Reafirmar a decisão inabalável da Direcção do Partido e de todos os combatentes de cumprir a nossa histórica missão e libertar a nossa terra, na Guiné e Cabo Verde, da bárbara dominação

colonial portuguesa.

Confirmar a nossa absoluta confiança ao camarada Aristides Pereira a quem cabe, na sua qualidade de Secretário-Geral-Adjunto, a responsabilidade de passar a dirigir o nosso Partido como seu primeiro responsável, até à reunião do CSL.

Por decisão unânime os camaradas presentes à reunião decidiram ainda:

a) Que sejam colocadas fotos do camarada Amílcar Cabral em todos os locais do Partido;

b) Que o camarada Amílcar Cabral seja declarado militante n.º 1 do PAIGC;

c) Criar um emblema com a efígie do Camarada Amílcar Cabral.

Esta decisão deverá ser posteriormente ratificada na próxima reunião do CSL.

«Não há força nenhuma no mundo capaz de parar a marcha

gloriosa da nossa luta!».

«Unidos, disciplinados, fiéis aos princípios do Partido, defendendo intransigentemente os sagrados direitos do nosso povo a uma vida de paz, de progresso e de felicidade, vamos desferir aos criminosos colonialistas portugueses golpes cada vez mais decisivos e mortais!».

«Vamos ser capazes, pelos nossos sacrifícios e pelo nosso trabalho, de estar à altura da missão que nos confiou o 1.º militante do nosso Partido — o camarada Amílcar Cabral — e honrar e glorificar para sempre o seu nome e o seu exemplo de heróico combatente revolucionário!».

«Viva o PAIGC!»

Glória eterna à memória do camarada Amílcar Cabral!

Morte aos criminosos colonialistas portugueses e aos seus lacaios!».



Muito se tem dito e escrito sobre a contribuição dada por Amílcar Cabral, através das suas análises sobre a nossa luta e através do sua acção de dirigente de um partido em luta armada, para o enriquecimento do arsenal das armas teóricas dos povos na luta anti-colonialista e anti-imperialista. Mas muito resta por dizer. Isso porque, infelizmente, as solicitações quotidianas da luta não permitiram que o homem de pensamento que foi Amílcar Cabral registasse a riqueza imensa do seu saber, das suas reflexões e das suas experiências que abarcavam os diversos aspectos da nossa vida e da nossa luta.

(— des Pereira em 24 de Setembro de 1974)

Continuar a obra do Cabral

[...] Homem profundamente humano, Amílcar Cabral era um grande combatente da paz. Ele declarava: «Nós não fazemos a guerra porque somos guerreiros ou porque amamos a guerra. Nós não fazemos a guerra para conquistar Portugal. Nós fazemo-la porque somos obrigados a isso para conquistarmos os nossos direitos humanos, os nossos direitos de nação, de povo africano que quer a sua independência; mas o objectivo da nossa guerra é um objectivo político, quer dizer, a libertação total do nosso povo da Guiné e Cabo Verde, a conquista da nossa independência nacional e da nossa soberania tanto no interior como no plano internacional».

Amílcar Cabral foi um profundo, e atento, estudioso da luta de libertação nacional e do maquis de outros povos do mundo, onde colheu ensinamentos que lhe permitiram compreender e enquadrar melhor a nossa própria experiência. Seguindo a melhor tradição dos grandes revolucionários, Amílcar Cabral prolongou a sua experiência e procede ao mesmo tempo a uma exaustiva e concreta análise da situação pré-colonial existente no nosso país. Ele estuda a estrutura social e económica da nossa sociedade, na Guiné e Cabo Verde, para definir os princípios directores da luta a estabelecer quais as forças motrizes da história no nosso caso concreto.

Amílcar Cabral foi quem trouxe as linhas mestras e dirigiu a obra de reconstrução nacional que o nosso Partido levou a cabo nas regiões libertadas da

Guiné e que permitiram pela primeira vez na história do nosso povo, criar uma vida digna e livre. Foi ele quem concebeu a natureza das nossas instituições, lançando os fundamentos de um Estado. Ele viu a nossa sociedade de uma forma dinâmica, em constante transformação.

Amílcar Cabral foi um inovador e um criador constante no seio do nosso Partido adaptando e renovando, no momento oportuno, as estruturas do Partido à realidade em movimento da nossa vida e da nossa luta. Fundador do Partido, seu guia incontestado, ele era verdadeiramente a sua alma. Mas, precisamente porque conseguiu fazer do Partido um corpo vivo, a sua obra viverá para além da sua morte. O camarada Amílcar Cabral deixou-nos a sua herança. O nosso Partido constituído pelos melhores filhos do nosso povo da Guiné e Cabo Verde, continuará a sua obra imortal fecundada pelo sangue de tantos mártires e heróis. Nós vamos realizar na prática aquele que foi o grande sonho da sua vida: uma nação livre e independente de homens e mulheres dignos, amantes do progresso e da paz, contribuindo, na Guiné e Cabo Verde, na medida das suas possibilidades e capacidade, para uma humanidade melhor e mais feliz.

Intervenção do camarada Vasco Cabral, membro do C.E.L. do P.A.I.G.C., no simposium realizado em Conakry no dia 31 de Janeiro em homenagem à memória e obra do camarada Amílcar Cabral)

Simão Mendes

Morreu como lutou: no seu posto de enfermeiro

Simão Mendes nasceu em 1930, em Cantchungo. Era filho de António Mendes e de Maria Sábado Mendes, ambos naturais de Gêba.

Depois de terminar a instrução primária, fez o curso de enfermeiro-auxiliar de 3.ª classe, em 1954. Obteve o diploma de enfermagem, a 25 de Julho de 1961, começando, nesse mesmo ano, a exercer a sua profissão, como enfermeiro-auxiliar, na ilha de Cavavela, nos Bijagós. Posteriormente foi transferido para o Posto Sanitário de Safim. Ainda em 1961, foi preso pela criminosa PIDE e, libertado. Fixou-se em Encheia, onde continuou a trabalhar para o nosso Partido, naquele tempo

ainda na fase da mobilização, do nosso povo, para a luta armada. Em Novembro de 1963, o camarada Simão Mendes, na eminência da nova prisão pela PIDE, fugiu para as áreas libertadas.

Nas novas condições, Simão Mendes continuou a sua actividade ao serviço do PAIGC e do nosso povo, como primeiro responsável da Saúde, na região Norte do País, até 1966. Em fins de Fevereiro desse ano, Simão António Mendes, Herói do povo, morreu no seu posto, durante um criminoso bombardeamento aéreo a Morés, onde se encontra sepultado.

Muito querido pela popula-

ção e pelos combatentes da sua área, o camarada Simão Mendes distinguiu-se pelas suas qualidades de militante exemplar e de responsável consciencioso, a ele se devendo a iniciativa de várias realizações no domínio da saúde, na Região Norte, nomeadamente a fundação da primeira escola de ajudantes-de-enfermeiro que funcionou no nosso país.

Durante bastante tempo, longe da sua família, o camarada Simão tinha tido há menos de um mês a alegria de rever a sua mulher e um filho, os quais vencendo inúmeras dificuldades, tinham conseguido iludir a vigilância inimiga, indo juntar-se a ele no seu posto de luta.

Todos os militantes do Partido que conheceram o camarada Simão acolheram com profunda tristeza a notícia da sua morte, a qual foi muito sentida pela população da área em que exercia a sua actividade.

DOMINGOS RAMOS

(Continuação da página 4)

do Lar e da instrução até seguir para o Ghana e fazer a sua preparação militar. Regressou em 1962, sendo destacado para a zona sete, em tarefas de mobilização. Ministrava também preparação militar aos camaradas que, progressivamente, iam aderindo ao Partido.

Os colonialistas souberam da sua presença na Zona e desencadearam ataques encarniçados para o capturar. Nessa altura, não havia armas suficientes para enfrentar estes ataques e a Direcção do Partido mandou-o retirar. Passado algum tempo regressou ao mesmo sítio, já com novas condições objectivas de luta, na companhia dos camaradas Abdulay Bary, Cau Sambu e Mário. Domingos Ramos era o responsável da zona quando se passa à acção directa intensiva. As dificuldades atingiam considerável amplitude mas Domingos e os seus camaradas souberam superá-las, com sacrifício e abnegação.

Em 1964 Domingos Ramos participou no I Congresso do PAIGC, em Cassacá, para ser transferido para a Frente Leste, e aí desencadear a luta armada.

Uma vez chegado à Região Leste, fins de 1964, Domingos foi nomeado comandante-chefe da região militar de Gabú. Nessa altura os efectivos da unidade que comandava subiam a mais de 600 homens. Nos combates era bravo e indomável, desempenhava sempre um papel exemplar. Lançava incessantes assaltos contra os quartéis inimigos e, sempre ao lado dos combatentes, lutava corpo a corpo contra as tropas colonialistas. Domingos amava profundamente os combatentes, queria-lhes como irmãos. Nos momentos difíceis repartia as suas roupas e

provisões com os combatentes. Sempre que se tornava necessário matar a fome com frutos silvestres, era o primeiro a experimentá-los não permitindo que os seus camaradas os comessem antes desse exame. Por mais cansado que se sentisse depois das longas marchas, utilizava as altas de repouso para ajudar os combatentes a obter os conhecimentos de base.

Em 10 de Novembro de 1966, Domingos lançou a sua unidade num violento ataque contra Madina Boé, último ponto de apoio dos colonialistas portugueses na região sudeste. Enquanto dirigia a acção nas linhas da frente, foi atingido, subitamente, por estilhaços de granadas no tórax e nos braços. Mesmo nesse momento crítico, gravemente ferido, Domingos continuou a comandar a batalha. Com muita relutância se retirou da posição, depois que um dos camaradas se apresentou a dirigir a batalha. Ao despedir-se, pediu aos que o rodeavam que não comunicassem aos combatentes qualquer notícia sobre a gravidade das suas feridas e encorajou-os a combaterem o inimigo com vigor e coragem redobrados.

Como dirigente máximo do Partido, como velho companheiro de luta e grande amigo de Domingos Ramos, o camarada Secretário-Geral endereçou condolências a todos os combatentes da nossa terra, numa mensagem que foi lida em reunião de todos os escalões, nas unidades das Forças Armadas e em todos os lugares de trabalho do Partido. O camarada Cabral destacava o significado da perda do camarada Domingos Ramos e a necessidade de se reforçar cada dia mais a consciência das nossas responsabilidades diante do Partido e do nosso Povo.

Justino Lopes

COMO SE FORA IRMÃO DO MAIS MODESTO GUERRILHEIRO

Embora ultrapassasse já os 40 anos, o camarada Justino Lopes era estimado por todos como se fosse um jovem de 20 e confraternizava com o mais novo e modesto dos guerrilheiros como se fora seu irmão, na idade e nas brincadeiras conta, hoje, o camarada Manuel dos Santos (Manecas) acerca de um dos mais destacados mártires da nossa luta, o camarada Justino Lopes.

A trajectória de Justino Lopes, até se cobrir de glória e morrer em combate, no mês de Maio de 1970, foi muito acidentada e prova a sua dedicação ao povo e ao Partido.

Era natural da ilha de Santiago, em Cabo Verde. Viveu lá até aos 18 anos, data em que as conhecidas dificuldades que se oferecem ao povo do arquipélago o empurraram para a emigração. Fixou-se no Congo, onde residiu 20 anos, trabalhando duramente como emigrante até ser contactado pelos camaradas do Partido que nessa altura percorreram núcleos de emigração em campanhas de informação, sobre

a nossa luta, e em mobilização.

Justino Lopes foi um dos poucos que rapidamente seguiu para Conakry abandonando tudo. Recebeu preparação militar na União Soviética e voltou para as FARP, onde se manteve sempre, desempenhando tarefas comuns e tendo sempre um comportamento verdadeiramente exemplar. Era muito estimado por toda a gente, particularmente pelos camaradas Nino e Osvaldo Vieira, mostrava-se geralmente optimista. Era, aliás, muito brincalhão e nunca aparentou a idade que tinha e que, em princípio, o poderia afastar dos mais jovens e irrequietos companheiros de combate.

Combateu na Frente Leste, transferiu depois para a Frente Sul, regressou ao Leste, partindo finalmente, para o Norte. Estava colocado como chefe de peça (canhão) quando morreu.

No ataque a Canquelifá teve uma morte instantânea, pois foi atingido por uma bala perdida quando a batalha tornara menos intensa.

Madna Na Isna

"Um revolucionário deve estar pronto a dar a vida pelo seu povo"

«Não levem em conta a minha morte. Um revolucionário deve estar pronto a dar a vida pela libertação do seu povo. Que todos os camaradas continuem com coragem e levem a luta da nossa terra para a frente, até à vitória final».

Foram estas as últimas palavras do camarada Madna Na Isna, dirigente principal da Região de Cubisseco, pouco antes da sua morte. Os camaradas combatentes que o acompanhavam transmitiram estas palavras à Direcção do Partido e foram depois publicadas no jornal «Libertação» de Setembro de 1965, ao anunciar-se a sua morte. Elas constituem a mensagem de um grande patriota de um verdadeiro revolucionário, de um filho digno da coragem que o nosso povo sempre deu provas. Morrendo como herói, o camarada Madna Na Isna sobreviverá na memória de todos nós, pelo exemplo que nos deu de total dedicação à Pátria, ao Povo e ao Partido.

O camarada Madna Na Isna deu a sua vida pela defesa do nosso povo quando à frente de uma unidade de guerrilha, fazia face a um contingente inimigo avaliado em 300

homens, que tentavam desembarcar em Cabochanque.

Mantendo-se na primeira linha de fogo, mais uma vez o camarada Madna Na Isna conduziu os camaradas sob o seu comando a uma grande vitória: o inimigo, forçado a retirar, pagou cara esta nova tentativa de pôr pé na zona de Cubisseco, deixando atrás

de si 41 cadáveres.

Ferido nesse combate, Madna Na Isna, militante e combatente exemplar do nosso povo, morria alguns dias depois, rodeado pelos seus companheiros de armas. Foi ainda a estes que dedicou os seus últimos instantes de vida e as suas últimas palavras.

PANSAU NA ISNA

(Continuação da página 4)

Cantes, para pedir ajuda ao comandante Nino, mas quatro dias antes de regressar à ilha os colonialistas desistiram de tomar Como e abandonaram definitivamente aquela zona.

Pansau N'Isna continuou a combater na Frente Sul, o seu próprio chão, que conhecia como poucos, sendo transferido já em 1969 para a Frente Norte. Em Janeiro de 66 dirigiu as acções que levaram à expulsão dos colonialistas entrincheirados nos campos fortificados de Bala-

na e Gandembel. Foi depois destas vitórias que a Direcção do Partido o transferiu para o Norte onde a sua coragem e dinamismo na acção contra o inimigo colonialista deram um grande impulso ao desenvolvimento vitorioso da luta na região sob o seu comando.

A sua última acção mais importante foi desenvolvida em Nhacra, onde em poucos meses conseguiu transformar a situação existencial. Foi, aliás, em Nhacra que contraiu a vida em combate. Ihor f das n

A AFRICA E O MUNDO

Medalha de ouro da paz para Agostinho Neto

HELSINKUA (TASS) — O Bureau do Conselho Mundial da Paz concedeu Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, com a Medalha de Ouro da Paz «Federic Joliot Curie».

Os participantes na reunião extraordinária do Bureau do Conselho Mundial da Paz, em Helsinquia, enviaram a Agostinho Neto um telegrama em que se exprime o apoio do Conselho Mundial da Paz e dos comités nacionais de 125 países que aí se encontram representados à luta do povo angolano, ao seu governo legal e ao Movimento Popular de Libertação de Angola.

Inaugurando o debate sobre a situação em Angola, usou da palavra José Eduardo dos Santos, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola.

Após ter exprimido o reconhecimento do povo angolano ao povo soviético, a Cuba, aos países socialistas e às forças progressistas dos países capitalistas, pela assistência que têm prestado à República Popular de Angola, exortou ao alargamento do movimento internacional para o reconhecimento diplomático urgente da República Popular de Angola, para a assistência política, moral e material e para o isolamento diplomático e político da África do Sul.



O povo de Uige (ex-Carmona) manifesta a sua alegria, após a libertação, pelas FAPLA; deste antigo «santuário» dos fanticos da FNLA

FNLA E MERCENÁRIOS RECUAM PERANTE O AVANÇO DAS FAPLA NA FRENTE NORTE

★ HOLDEN ROBERTO REFUGIA-SE EM KINSHASA

LUANDA (TASS) — Os rebeldes da FNLA e os mercenários sob pressão das unidades das Forças Armadas da República Popular de Angola, recuaram em diversos sectores da frente setentrional, em direcção à fronteira do Zaire. O chefe da UPA-FNLA, Holden Roberto abandonou o seu grupo, destruído pelos combates, e tomou o avião para Kinshasa (Zaire).

Segundo a rádio de Luanda, as Forças Armadas do Zaire, que apoiam a FNLA recorreram à aviação para combater o ataque das FAPLA e permitir aos grupos em retirada, alcançar as suas bases no Zaire. A rádio constata que os caças-bombardeiros do Zaire efectuaram um «raid» sobre o nó

ferroviário de Teixeira de Sousa. Como resultado dos bombardeamentos, seis pessoas foram mortas e cinco feridas.

Para camuflar e justificar a sua intervenção armada em Angola, Kinshasa pretendeu que «o inimigo bombardeou» a vila de Dilolo, situada na fronteira do Zaire, perto de Teixeira de Sousa.

A propaganda imperialista não demorou em desencadear uma campanha barulhenta contra a República Popular de Angola acusando-a «de agressão contra o Zaire». Esta provocação, nota a imprensa local, tem por objectivo manifesto, fornecer um pretexto especial para uma eventual escalada da guerra em Angola, assim como para desviar a atenção da

opinião pública africana do papel dos intervencionistas da África do Sul racista e dos seus aliados, que numerosos chefes de estado e de governo condenaram no decurso da assembleia extraordinária da Organização da Unidade Africana.

SAVIMBI PEDE O REFORÇO DA INTERVENÇÃO IMPERIALISTA

LUSAKA (TASS) — Após a derrota do grupo norte das tropas internacionalistas, dos quais faziam parte os bandos da FNLA, os mercenários americanos e europeus ocidentais, bem como unidades zairotas, a mesma sorte não deixará de atingir as tropas da UNITA, e o exército da África do Sul racista, operando em aliança com este grupo reaccionário. Esta é a conclusão que tiram os jornalistas estrangeiros que visitaram as regiões do sul de Angola ocupadas pela UNITA e pelas tropas sul-africanas.

Os correspondentes anunciaram, especialmente, que o comandante militar da África do Sul expediu, à pressa, para estas regiões armas pesadas, artilharia e carros, assim como tropas regulares frescas. Destacamentos especiais de engenharia estabeleciam linhas de defesa muito divididas. As notícias mostram que os intervencionistas recebem dos Estados Unidos e de outros países ocidentais armas das mais modernas. Entretanto, não depositando grandes esperanças nas forças da África do Sul, Jonas Savimbi, chefe da UNITA, pediu aos jornalistas para difundir um «apelo imperioso» aos países ocidentais para aumentar consideravelmente a sua ajuda militar, para reter a ofensiva das Forças Armadas do Movimento Popular de Libertação de Angola.

O 4 DE FEVEREIRO SERÁ COMEMORADO EM TODO O PAÍS

LUANDA (TASS) — O 15.º ani-

versário do desenvolvimento da luta armada do povo angolano para a libertação e independência, será solenemente celebrado a 4 de Fevereiro em todo o país, anunciou oficialmente em Luanda. O programa das festividades prevê «meetings» da massa, discussões políticas e manifestações culturais, o que contribuirá para unir, ainda mais, o povo angolano ao governo da República Popular de Angola.

RELATÓRIOS SOBRE AS ACTIVIDADES DA C.I.A. EM ANGOLA

WASHINGTON (T.F.P.) — O presidente Ford proibiu a comissão da Câmara dos Representantes, encarregada de vigiar as agências americanas de espionagem e de informações, de tornar público dois relatórios sobre as operações secretas dos Estados Unidos em Angola e na Itália.

Numa carta endereçada ao presidente desta comissão, Otis Pike (democrata de Nova York), o presidente Ford afirma que após ter revisto estes documentos, considera que a sua publicação iria de encontro ao interesse nacional dos Estados Unidos.

Conforme um processo estabelecido no princípio do inquérito da comissão, esta tinha submetido os documentos respeitantes a Angola e à Itália, a Ford antes de decidir torná-los públicos.

Vários jornais publicaram já, o essencial das informações contidas nestes documentos, especialmente a ajuda financeira que a CIA teria fornecido ao Partido Cristão Democrático italiano.

Informações dizendo respeito à ajuda americana à FNLA e à UNITA, apareceram igualmente na imprensa americana.

A FNLA recebeu 300 000 dólares a título «de ajuda política», no início de 1975.

PETRÓLEO SOVIÉTICO PARA PORTUGAL

MOSCOVO (AFP) — A URSS entregará em 1976, um milhão de toneladas de petróleo a Portugal, anunciou Alexei Manjoulo, vice-Ministro soviético do Comércio Exterior, numa entrevista concedida à agência TASS.

Manjoulo, que esteve em Portugal por ocasião da primeira reunião da comissão mista soviético-portuguesa, acrescentou que o montante das trocas entre a União Soviética e Portugal em 1975 atingiu 75 milhões de rublos (onze vezes mais que em 1974).

AUMENTA A COOPERAÇÃO ENTRE PORTUGAL E A CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA (AFP) — A Checoslováquia e Portugal demonstram interesse num «desenvolvimento geral» da sua cooperação, sublinha o comunicado conjunto publicado no domingo em Praga, depois da visita oficial à Checoslováquia, de 15 a 17 de Janeiro, de Melo Antunes, ministro português dos Negócios Estrangeiros.

SIAD BARRE: «SOCIALISMO, ÚNICA VIA CONVENIENTE EM ÁFRICA»

ADDIS-ABEBA (TASS) — O socialismo é a única via de desenvolvimento conveniente nos países africanos, declarou em Addis-Ababa, Mohamed Siad Barre, presidente do Conselho Revolucionário Supremo da Somália. Na Etiópia nós constatamos, várias situações atestando que este país segue a via socialista, sublinhou. Mohamed Siad Barre revelou ainda as grandes possibilidades que apresenta a cooperação económica entre a Somália e a Etiópia.

GHANA: 4.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO

ACCRA (AFP) — O coronel Ignatius Acheampong declarou no sábado passado que o Ghana efectuou «um longo caminho na via da modernização» desde que emergiu há quatro anos, daquele «período escuro que precedeu à Revolução».

O chefe de Estado ghanense fez esta declaração numa mensagem radiotelevisada difundida por ocasião do quarto aniversário da Revolução.

FOME E SECA NO NOROESTE BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO (AFP) — Cento e cinquenta mil pessoas estão ameaçadas pela fome nos estados de Bahia e de Pernambuco, no nordeste do Brasil, atingidas desde há um mês por uma seca excepcional.

Reforços da polícia devem ser enviados à pequena cidade de Ouricuri, a 600 km de Recife, depois que três mil camponeses famintos terem invadido a localidade por procura de alimentos, de água e de trabalho.

INVASÃO DE RATOS NO SENEGAL

DAKAR (AFP) — Um novo fenómeno apareceu nos campos senegaleses: as destruições das colheitas por verdadeiros «exércitos» de ratos que têm o seu «quartel-general» na região Norte do país e que recebem milhares de reforços vindos a nado da outra margem do rio Senegal.

A aparição maciça dos ratos no Senegal ameaça alastrar e estender-se progressivamente nos países vizinhos. Razão porque um grito de alarme foi lançado à comunidade internacional para o financiamento de uma vasta campanha conjunta dos estados limítrofes com vista de combater o flagelo.

Falsas notícias forjadas no Quartel-General da CIA

WASHINGTON (TASS) — O jornal «Washington Post» cita, de novo, factos testemunhando a utilização pela Central Intelligence Agency (CIA) dos meios de informação para difundir falsidades e provocações.

O jornal descreve especialmente os métodos da CIA aplicados na República Popular da China, para excitar a animosidade contra a União Soviética. No início dos anos sessenta, constata o jornal, os serviços secretos americanos recorreram a numerosos centros de radiodifusão situados no território de Taiwan e em diversos países da Ásia, para difundir falsas informações que fingindo serem emanadas directamente da República Popular da China. É natural que a imprensa burguesa se tenha aproveitado imediatamente do facto. A CIA tirou uma vez a cópia de um jornal chinês inserindo aí, uma «notícia falsa redigida pelos colaboradores da agência». Os números autênticos foram interceptados, enquanto a cópia com a falsidade foi enviada aos assinantes de diferentes países.

Em 1974, escreve o «Washington Post», a CIA difundiu na imprensa ocidental com a ajuda da agência de informação londrina, «Forum World Futures», subvencionada pelos serviços secretos americanos, falsas informações com o objectivo de denegrir a política da URSS no Médio-Oriente.

O jornal constata que estas campanhas de provocação são organizadas por uma equipa especializada da CIA que mantém contactos estreitos com o Departamento de Estado americano.

USA: 5 milhões de presos por ano

NOVA YORK (TASS) — As prisões americanas contam, actualmente, com milhares de presos políticos: negros, índios, porto-riquenhos e de outros «não-conformistas» da sociedade americana, que segundo os dados do presidente da União Nacional da Luta contra a Repressão Racial e Política, Dennis Banks e dos seus camaradas activista do «Movimento dos Índios Americanos», Benjamin Davis, Pretre, e outros.

A imprensa americana é unânime no ponto de que as condições nas prisões dos Estados Unidos está abaixo de todas as críticas.

A opinião pública e a imprensa do país levantam com crescente agudeza a questão das condições dos prisioneiros nos Estados Unidos, país, onde mais de 5 milhões de pessoas são detidas cada ano.

A SUSPENSÃO DOS VOOS LISBOA-LOURENÇO MARQUES — NOTA DO MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES (ANOP) — O Ministro dos Transportes e Comunicações do Governo da República Popular de Moçambique, referindo-se às recentes conversações no domínio da aeronáutica efectuadas em Portugal, as quais culminaram com a suspensão das carreiras aéreas entre Moçambique e Portugal, difundiu o seguinte comunicado: «Realizaram-se em Lisboa, de oito a treze de Janeiro de 1976, conversações entre representantes do governo da República Popular de Moçambique e o governo de Portugal, com vista à negociação do acordo de transporte aéreo entre os dois países».

«Ao longo das conversações, a delegação moçambicana desenvolveu os maiores esforços para concretizar com Portugal o primeiro acordo bilateral de transporte aéreo de Moçambique, cujos textos foram finalmente aceites por ambas as delegações e considerados prontos para a assinatura no fim da tarde do dia doze».

«Durante o encontro na manhã seguinte, dia em que se previa a assinatura e regresso da delegação moçambicana, foi apresentado pela delegação portuguesa, um projecto protocolo de entendimento que a delegação de Moçambique teria que aceitar como condição para a assinatura do acordo».

«Este protocolo de entendimento, por si só, sobrepunha-se ao próprio acordo bilateral de transporte aéreo, obrigando o governo da República Popular de Moçambique, a submeter-se a uma atitude de notória ingerência na sua política aérea, para a satisfação de simples interesses comerciais da transportadora portuguesa».

«Com este sacrifício a delegação portuguesa criou um impasse que a delegação moçambicana tentou superar oferecendo todos os meios susceptíveis de garantir a continuidade das carreiras aéreas entre os dois países, tendo a delegação portuguesa decidido que a TAP deixaria de voar para Moçambique e conse-

quentemente a DETA para Portugal».

«O governo da República Popular de Moçambique ao tomar conhecimento desta decisão do governo português, manifestamente contrária ao espírito de cooperação e amizade entre os dois povos, decidiu envidar desde já todos os esforços tendentes a permitir o escoamento normal do tráfego, para o ponto onde os passageiros de nacionalidade portuguesa possam atingir a sua pátria».

AS FARP EM CABO VERDE

Na passada quarta-feira, às 17 e 30, realizou-se nas instalações da Polícia Militar um simples mas significativo acto de louvor a um pelotão de camaradas tanquistas da Guiné-Bissau, pela forma como estes camaradas desempenharam a sua missão no país irmão.

Este acto teve a presença do camarada Silvino da Luz, Ministro da Defesa e Segurança Nacional, camarada Agnelo Dantas, Comandante Geral das FARP e camarada João José Lopes da Silva (J.J.), Comissário Político Geral das FARP, entre outros.

Durante a cerimónia foram entregues algumas lembranças aos camaradas tanquistas que, finda a sua missão, regressaram ao nosso país.

REUNIÃO DE COMANDANTES

Realizou-se no Ministério da Defesa e Segurança Nacional uma reunião de comandantes, presidida pelo camarada Silvino da Luz, ministro da Defesa e Segurança Nacional, em que foram abordados, entre outros, assuntos relativos à defesa e segurança da soberania de Cabo Verde.

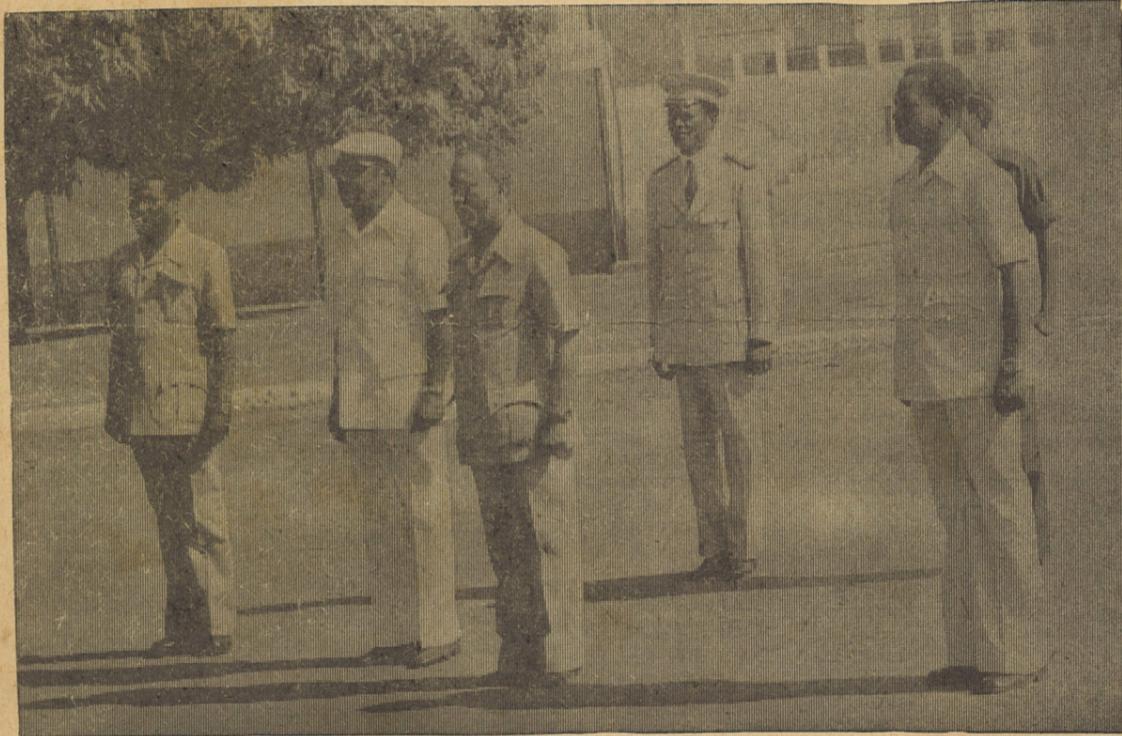
O plano de actividades para o corrente ano mereceu especial atenção e foi profundamente esquematizado, bem como o processo de relacionamento das nossas armas com as populações.

Congo: Novas funções para Henry Lopez

BRAZZAVILLE (AFP) — Henry Lopez, antigo Primeiro-Ministro, foi nomeado director do jornal «Etumba», órgão central do Partido Congolês do Trabalho, durante a última reunião do Conselho dos Ministros congolês, anuncia-se em Brazzaville.

Lopez, que dirigiu o Governo congolês desde Outubro de 1973 até Dezembro de 1975, data na qual ele foi substituído pelo comandante Louis Sylvain Goma, foi igualmente nomeado director do futuro quotidiano congolês cuja aparição está prevista para o ano em curso.

A visita de Lansana Beavogui



O primeiro ministro da Guiné-Conakry entre os camaradas Luiz Cabral e Nino Vieira, durante a visita à Amura. A direita o camarada Francisco Mendes

(Continuação da 1.ª pág.)

o ministro da Guiné declarou: «Fui encarregado pelo presidente Sekou Touré de, junto da Direcção Nacional do PAIGC e principalmente junto do camarada Presidente Luiz Cabral, expressar as sinceras felicitações e o agradecimento do povo da Guiné, do seu Partido e Estado e do presidente da República, pelo excelente trabalho que a delegação da Guiné-Bissau efectuou em Addis-Abeba».

Lansana Beavogui classificou a participação da Guiné-Bissau na cimeira da OUA sobre Angola como um trabalho «de militância revolucionária». Esta igualmente a opinião de Sekou Touré que se apressou a manifestar a sua satisfação, através do seu enviado.

Sobre os resultados da cimeira,

o primeiro-ministro da República da Guiné considerou:

«Não conseguimos resolver o problema do povo de Angola, mas ficámos a saber quem é quem, em África». Depois de salientar a importância da definição das posições dos governos africanos, que ficou bastante clarificada na Cimeira de Addis-Abeba, o chefe do Governo guineense, concluiu:

«Nós, que fazemos parte da África revolucionária, estamos certos de que encontraremos uma solução válida para o problema de Angola».

A este propósito, podemos informar os nossos leitores que a delegação guineense discutiu com os nossos dirigentes as possibilidades de prestar apoio diplomático e de outro tipo à República Popular de Angola.

Reunião nos Correios

Realizou-se no passado domingo a primeira reunião ordinária de trabalho da Divisão de Estudo e Planeamento (DEP), da Direcção Nacional dos Correios e Telecomunicações.

Esta divisão, que é orientada pelo Director Nacional dos Correios e Telecomunicações, engloba os principais responsáveis dos CTT e tem por fim efectuar estudos nos diversos domínios que interessam ao bom andamento nos serviços, nomeadamente: no do-

mínio postal, estudo de convenções, acordos, regulamentos etc; no domínio das telecomunicações estudos e carácter no capítulo da revisão das leis — elaboração de um diploma orgânico dos CTT, regulamento postal interno, regulamento de exploração das telecomunicações, etc; estudo das tabelas de taxas postais e de telecomunicações (internas e externas); estudos económicos e planificação.

O.U.A.: COMITÉ DE LIBERTAÇÃO REUNE-SE EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES — (TASS) — O Comité de Libertação da OUA reuniu-se ontem, em sessão na capital de Moçambique.

A ordem do dia comportava a situação na África Austral, as medidas a tomar na luta contra o apartheid na África do Sul e a intensificação da ajuda aos movimentos de libertação nacional da Namíbia e do Zimbábue.

Inaugurando a sessão, Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, declarou que ela se realiza no momento em que as últimas possessões coloniais desaparecem do mapa africano. Ele apelou a concentrar os esforços de todos os Estados africanos na luta contra os regimes racistas da África do Sul e da Rodésia.

GUIANA RECONHECEU A R.P.A.

GEORGETOWN (TASS) — O Governo da Guiana anunciou que reconheceu a República Popular de Angola. O Alto Comissariado interino da Guiana na Zâmbia está habilitado a informar o Governo da R.P.A.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Guiana publicou uma declaração nesse sentido sublinhando que a Guiana protesta energicamente contra a ingerência da RSA nos assuntos de Angola, e que ela considera esta ingerência como uma tentativa da RSA (República da África do Sul) de fazer propagar a sua política de racismo e apartheid.

DECISÕES DO C.M.P.

HELSÍNQUIA (AFP) — O Conselho Mundial da Paz adoptou uma resolução condenando vivamente os Estados Unidos, a África do Sul e o Zaire «pela sua agressão contra Angola e a utilização da FNLA e da UNITA como instrumento desta agressão».

Reunido, de urgência, na capital finlandesa para estudar a situação em Angola, o Conselho Mundial da Paz condenou igualmente, nesta resolução, o Governo chinês «pela sua intervenção e o seu apoio às forças reaccionárias em Angola, sob forma de envio de armas, de conselheiros e de fundos».

Nesta resolução, o Conselho Mundial da Paz afirma o seu apoio total ao Governo da República Popular de Angola.

Num decurso de uma conferência de Imprensa dada em Helsínquia, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da R.P.A., José Eduardo dos Santos, afirmou que cerca de vinte mil soldados sul-africanos combatem em Angola, assim como mercenários recrutados pelos Estados Unidos. afirmou que não havia guerra civil em Angola, mas «uma agressão imperialista contra um Governo soberano» que resiste vigorosamente com o apoio do povo angolano.